

RODRIGUES, Jaime. De costa a costa: escravos, marinheiros e intermediários do tráfico negreiro de Angola ao Rio de Janeiro (1780-1860). São Paulo: Companhia das Letras, 2005 (420 p)
Rafael da Cunha Scheffer*

Em pesquisa anterior Jaime Rodrigues analisou a questão da abolição do tráfico atlântico de escravos (RODRIGUES, 2000) na qual enfocava a pressão inglesa, a política parlamentar e os debates sobre esse tema na primeira metade do século XIX. Agora, Rodrigues procura analisar os agentes envolvidos nessa travessia, os intermediários neste negócio desde os comerciantes africanos, passando pelos marinheiros dos tumbeiros até a venda na praça do Rio de Janeiro. *De costa a costa* tem o grande mérito de unificar essas vivências, apontando as ligações entre as diversas etapas do tráfico e das pessoas envolvidas nelas até a chegada dos cativos no Brasil.

Em uma perspectiva fortemente influenciada pelas obras de Thompson, Rodrigues procura reconstruir as experiências das pessoas envolvidas no comércio atlântico de escravos. Tenta entender como pensavam as atividades em que se envolviam e, principalmente, como agiam sobre seu mundo. A idéia da agência de todos os personagens é bastante explorada, apontando motivações para essa participação dentro da lógica de diferentes indivíduos. Para tanto, o autor se utiliza de relatos de viajantes a bordo dos navios, processos contra embarcações apreendidas, documentos oficiais e relatórios de funcionários em Angola e no Brasil, queixas de colonos e cartas dos governadores locais às autoridades metropolitanas.

Destaca a participação de africanos nessa cadeia do tráfico, apontando sua agência e motivações, não os vendo apenas como vítimas, mas como participantes ativos neste comércio. Insere o tráfico de escravos nas relações sociais estabelecidas, diferenciando a escravidão africana da realizada na América, mostrando formas de escravização e a utilização destas para a constituição de poder entre os diversos soberanos africanos.

* Doutorando em História Social da Cultura na UNICAMP, bolsista FAPESP.

Da mesma forma, explora os significados do ser traficado, buscando nos relatos de vida dos ex-escravos a compreensão do que estava acontecendo a eles. A própria estrutura do livro, que inicia analisando a África, segue com as viagens pelo Atlântico e termina no litoral brasileiro, é uma reconstrução da trajetória desses homens e mulheres.

A importância dessa experiência africana no livro pode ser observada no próprio recorte temporal da pesquisa. O recuo do marco inicial para as últimas décadas do século XVIII contribui mais como uma maneira de compreender a situação desta colônia africana do que necessariamente para uma análise sobre o tráfico legal a bordo dos negreiros. Apesar de analisar dados sobre os navios negreiros neste recuo, o autor concentra seus estudos sobre Angola, geralmente neste período de afins do XVIII, explorando os processos e tensões que a marcavam e os interesses que estavam em disputa, considerando o contexto no local de saída dos escravos na primeira etapa dessa transição atlântica. Mesmo com a amplitude e complexidade de seu recorte temporal, Rodrigues consegue acompanhar bem os diversos contextos envolvidos e algumas de suas peculiaridades, apesar das constantes idas e vindas no tempo deixarem o leitor mal situado em diversos momentos.

Rodrigues começa seu livro explorando os agentes envolvidos no tráfico do lado africano do atlântico, desde o interior do continente (comerciantes e poderosos locais) até a administração colonial. O autor torna mais complexo e conflituoso esse cenário, ao destacar o fraco domínio exercido pela coroa portuguesa na região, constantemente desafiada por soberanos e mandatários africanos e concorrentes europeus. Rodrigues analisa relatos, relatórios e ofícios dos funcionários coloniais para a metrópole, normalmente pedindo recursos, tropas e pessoal qualificado, cruzando essas fontes para formar este quadro de Angola. Contudo, apesar deste cruzamento de informações lhe possibilitar reconhecer a situação geral da região, e a leitura que ele realiza dessas fontes é muito mais de sentido, tendência e visão contemporânea da situação do que de “espelho da realidade”, em alguns momentos sentimos a falta de uma maior crítica à intencionalidade desses comunicados, às idéias e interesses que

motivavam esses documentos. Desqualificar o governador anterior e a situação geral encontrada (inclusive com os preconceitos quanto à própria África e seus habitantes) poderia ser a conjuntura encontrada, mas também ampliada para mostrar os desafios e necessidades do autor, justificativas para maiores recursos e importância desse administrador.

Nas travessias atlânticas, Jaime Rodrigues traça um quadro bastante complexo dos envolvidos, dos navios, viagens e peculiaridades do transporte de escravos através do atlântico. Utilizando-se especialmente dos processos de navios apreendidos e de registro oficiais de embarcações envolvidas no comércio de cativos, o autor compara esses dados com o de navios mercantes e militares, partindo disso para estabelecer semelhanças e peculiaridades. Ademais, faz uma leitura de diversos relatos de viajantes e escravos embarcados numa tentativa de observar o cotidiano de bordo e os modos de agir e pensar dessas pessoas.

Segundo Rodrigues, os negreiros teriam maiores tripulações em comparação com navios de mesmo tamanho e outros empregos, devido à questão da segurança e vigilância contra levantes de cativos e roubos durante as viagens no litoral africano. Além disso, observa através dos depoimentos como parecia haver certa especialização ligada ao comércio de escravos, com capitães e oficiais relatando outros envolvimento nas mesmas rotas e portos africanos, o que Rodrigues lê como a necessidade de se conhecer não só as rotas e condições de navegação para a África, mas também a situação dos diversos portos para a compra de cativos.

Faz uma ampla análise dos tripulantes dos navios envolvidos, observando o cotidiano de bordo, a formação desta tripulação e peculiaridades dela para o trato com os escravos. Destaca a participação de escravos e africanos nessas tripulações e o uso dos seus conhecimentos nessas viagens. Nos relatos estudados busca entender os termos utilizados e seus significados, explorando uma ampla bibliografia que inclui outras regiões. Nesse sentido, explora a formação da tripulação, normalmente multicultural e a utilização de uma língua comum entre os marinheiros, o que permitiria sua comunicação. Nesse campo aponta como uma série de termos específicos deveriam ser bem compreendidos para a segurança da

viagem e a correta operação do navio.

Da mesma forma, destaca também como a presença de africanos nas tripulações ajudaria na comunicação com os escravos recém adquiridos, inclusive para diminuir temores que estes em geral sentiam da situação. Esse argumento é reforçado pelos relatos de tripulantes e viajantes de que esses negociantes em geral sabiam alguns termos ou expressões para comunicarem-se com os cativos, como ordens simples e palavras para confortá-los.

Apesar de criticar com propriedade os relatos de viajantes e as gravuras conhecidas sobre o tráfico atlântico, observando a intenção de seus autores e suas influências e preconceitos, essa crítica poderia ser mais profunda no caso dos relatos de vida dos escravos. Publicados em grande número numa época de constatação do tráfico na Inglaterra, Rodrigues não analisa como esses relatos se transformaram em um gênero de literatura, que formou modelos a serem seguidos por relatos posteriores, desta forma influenciando e limitando seus autores.

Destaca-se também a leitura que o autor realiza dos depoimentos de capitães, oficiais e marinheiros que tiveram seus navios apreendidos pela fiscalização inglesa. Nesse ponto, ele analisa esses depoimentos não só para buscar indícios diretos sobre o tráfico, mas focaliza especialmente as estratégias de respostas utilizadas por esses homens para tentar burlar ou amenizar a repressão e punição.

Sua leitura da legislação portuguesa e brasileira sobre o tráfico também é bastante atenta. Aponta como ocorria a regulamentação de uma série de questões ligadas ao comércio atlântico de escravos, ao mesmo tempo em que observa como na maioria das vezes essa não era cumprida ou era bastante burlada. No entanto, evita desacreditar essa produção, mostrando como em alguns momentos funcionários tentaram cumpri-la à risca ou com grande interesse, como demonstra na questão da inspeção de saúde nos negreiros que chegavam ao Rio de Janeiro.

Faz um intenso diálogo com a produção historiográfica, principalmente sobre a questão das culturas africanas, para entender os significados que os traficados tinham das situações. Nas questões náuticas

se apóia em diversas produções sobre outros lugares que o ajudam a cercar melhor o problema. Contudo, no conjunto do livro um diálogo próximo com a obra de Manolo Florentino, *Em costas negras*, teria sido importante para que fosse melhor analisado o lado de organização comercial da empresa negreira atlântica, e das relações daí advindas. Poderia assim fazer uma leitura mais completa das redes montadas para a transferência de cativos, observando os apontamentos de Florentino sobre o caráter do crédito e do endividamento que unia comerciantes cariocas e seus representantes na África.

De toda forma, isso se encaixa com a proposta do livro e sua principal implicação, entender o tráfico não apenas como negócio, como quantificação de transferências e ganhos comerciais, mas como rede de relações sociais. Vendo os diversos sujeitos (especialmente os africanos) como agentes históricos, *De costa a costa* permite que entendamos a experiência dos vários envolvidos, suas motivações e formas de pensar sua relação com essa empresa e com a escravidão.

Bibliografia

RODRIGUES, Jaime. *O infame comércio: propostas e experiências no final do tráfico de africanos para o Brasil (1800-1850)*. Campinas: Ed. da Unicamp, 2000.

Recebido em abril e aprovado em julho de 2009.